



acervo

roteiros de visita

apresentação

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho, Ciccillo, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o acervo que constituía o MAM SP. Além desse acervo transferido para a USP, Matarazzo e sua mulher, Yolanda Penteado, doaram ao novo museu suas coleções particulares, às quais se somaram aquelas efetuadas pela Fundação Nelson Rockefeller e os prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo.

Hoje o MAC USP possui mais de 8 mil obras entre pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, instalações e trabalhos conceituais, constituindo um importante acervo de arte moderna e contemporânea, relevante patrimônio cultural na América Latina.

Como museu universitário, o MAC USP é um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento. Além das exposições, oferece diversas atividades e serviços como disciplinas optativas, cursos de extensão cultural,

ateliers, visitas orientadas, site na internet e biblioteca especializada.

A Divisão Técnico - Científica de Educação e Arte (DTCEA) concentra sua atuação no desenvolvimento de materiais educativos, na formação de monitores, na organização de exposições didáticas, em programas para públicos diversos, cursos à comunidade e em publicações que têm como objetivo geral favorecer um contato mais efetivo entre a obra e público visitante, especialmente professores e estudantes.

Dentro dessa proposta e com o patrocínio da Fundação Vitea, a equipe de educadores produziu o Acervo: Roteiros de Visita. Esse material propicia aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas ao museu universitário. Valoriza a idéia de museu também como "sala de aula", dinamizando processos criativos e a interatividade nas áreas do conhecimento.

Elza Ajzenberg
Diretora do MAC USP

Colega professor/a,

Nos últimos anos os museus afirmaram-se como espaços de educação essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Cabe aos educadores de museus desenvolver recursos que intensifiquem a utilização desse potencial educativo privilegiado. No caso específico do ensino de arte, o contato com as obras originais é insubstituível.

Desde 1984 - ano em que começa a ser estruturado o setor de Arte-Educação do MAC USP, hoje Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte - temos desenvolvido formas de abordagens pedagógicas da arte e colaborado com a formação do público de arte contemporânea.

Acervo: Roteiros de Visita foi criado com o objetivo de estimular a proximidade de professores e alunos com as obras do acervo do MAC USP, através de recursos que auxiliem no planejamento, no aproveitamento e no desdobramento das visitas ao museu. Pretendemos com o uso deste material didático que você se sinta mais confortável e com

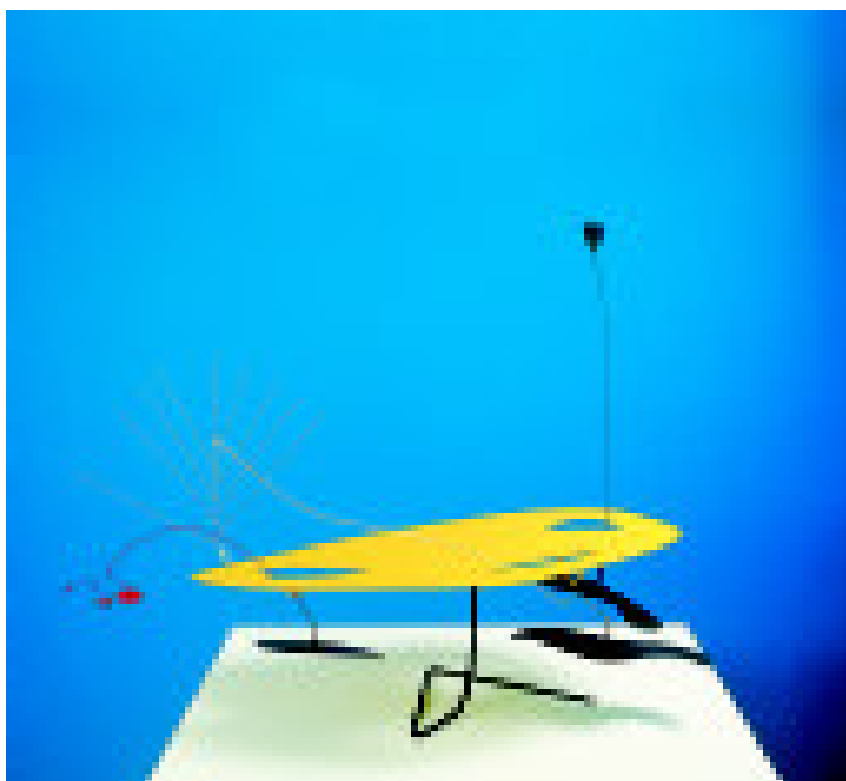
maior autonomia ao percorrer as exposições do MAC USP com os seus alunos.

Cada ficha, como esta, é acompanhada pela reprodução de uma das 50 obras do acervo do MAC USP selecionadas para compor este material. Os critérios para a escolha das obras foram a sua relevância dentro de um determinado panorama da arte do século XX e a sua recorrente seleção pelas curadorias do museu, garantindo que este material possa, de fato, ser utilizado em paralelo às exposições.

Os conteúdos são abordados de modo a incentivar a postura de professor pesquisador. Queremos trocar experiências, acreditando que juntos poderemos aprimorar nossa práxis educacional e cultivar valores necessários à sociedade contemporânea.

Bom trabalho!

Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte



Influenciado pelas atividades artísticas do pai, escultor, e da mãe, pintora, Alexander Calder manifesta seu talento artístico já na construção de seus brinquedos de infância, mas, na sua juventude, não demonstra interesse em tornar-se um artista. Estuda engenharia mecânica no Stevens Institute of Technology, graduando-se em 1919.

Calder aproxima-se do universo artístico somente a partir de 1923, participando da Art Student's League ao se transferir para Nova York. Realiza ilustrações para jornais e pinta cenas de circo para o Ringling Brothers and Barnum & Baileys Circus, em 1925. De sua proximidade com o mundo circense, e fascinado pelos malabaristas, trapezistas, domadores e palhaços, começa a produzir pequenas figuras e animais em diversos materiais, como arame e madeira. Mas é na agitação cultural de Paris que, a partir de 1926, nasce para Calder a idéia de criar seu *Cirque Calder*. Com pequenas figuras de arame, seus personagens lúdicos evoluem acompanhados de música e efeitos de som. Calder realiza suas **performances** bem-humoradas, apresentando-se aos amigos e nos círculos artísticos de Montparnasse, onde conhece artistas como JOAN MIRÓ, FERNAND LÉGER, entre outros.

Por sugestão do artista Clay Spohn, Calder passa a utilizar o arame como um meio para realizar esculturas lineares sem volume, sem massa, delineando de modo inventivo e irreverente figuras como a da cantora *Josephine Baker* (Museu Nacional de Arte Moderna de Paris). Calder articula com tal liberdade os fios de arame, que suas formas deixam de ser somente silhuetas e tornam-se construções tridimensionais. Sua primeira exposição acontece na Weyhe Gallery em Nova York, em 1928, e no mesmo ano expõe no influente Salão dos Independentes em Paris obras como *Romulus and Remus* (Museu Guggenheim de Nova York), que atraem a atenção tanto do público quanto da crítica, pela espontaneidade com que a linha constrói os detalhes das figuras, exigindo uma visão lúdica do observador. Experimenta também, neste momento, esculpir em madeira e modelar em argila formas animais sintetizadas, mas são os desenhos-retratos em arame de seus amigos artistas como Léger e Miró que roubam a cena em sua exposição na galeria Percier de Paris, em

1931.

A década de 1930 inicia-se com forte influência da pintura abstrata de Mondrian. Calder realiza pinturas que denotam apreensão por um domínio da linguagem plástica em planos de cor severamente justapostos. É convidado a participar da exposição do grupo **Abstração-Criação**, na qual realiza sua performance com o *Cirque Calder*. Nesse momento, Calder demonstra-se interessado não mais em forçar a credibilidade do observador em suas formas virtuais, e sim em criar com seus elementos estruturas dinâmicas de acordo com uma linguagem abstrata mais apurada. Toma forma, em 1931, sua primeira escultura cinética, e nos meses seguintes introduz o motor elétrico para gerar o movimento contínuo em suas construções. Em visita ao seu ateliê, Marcel Duchamp sugere o termo *móBILE* para definir suas esculturas motorizadas e, em contraponto, Jean Arp sugere "stabile" para suas construções estáticas.

Em Roxbury, Connecticut, Calder instala-se em seu novo ateliê, onde cria com linhas, planos, círculos e esferas os personagens de uma geometria de um outro universo, os quais gravitam em uma combinação de movimentos sutis, num jogo de equilíbrios entre pesos e contrapesos que se prolongam por hastes suspensas. Suas obras nos remetem às formas biomórficas de MIRÓ e Arp, como em sua série *Constellations*, acentuando o caráter lúdico de seus seres interligados em galáxias imaginárias, aproximando Calder de uma estética surrealista, que será reafirmada com sua proximidade aos artistas surrealistas emigrados nos Estados Unidos, no período da II Guerra Mundial, como Yves Tanguy e André Masson.

Durante as duas últimas décadas de sua produção, já com renome internacional, Calder dedica-se à realização de obras monumentais em aço, atendendo às inúmeras encomendas que recebe para locais específicos como museus, praças, edifícios públicos e aeroportos, tornando sua criação uma referência.

MóBILE Amarelo, Preto, Vermelho e Branco, sd

metal pintado,

93 x 130 x 125 cm

Doada ao MAMSP por Nelson Rockefeller

As invenções que Alexander Calder realiza a partir de 1931 são definidas como móveis por Marcel Duchamp, pelo movimento intrínseco de seus elementos acionado por um motor. A cada nova composição há possibilidades de um outro tipo de movimento, autônomo, proporcionado pelas pequenas formas que o artista cuidadosamente cria, recortando chapas metálicas e dispoñdo-as calculadamente nas pontas de suas hastes interligadas. Suspensas no espaço, o agente gerador do movimento é agora a corrente de ar ou o sopro do espectador.

A partir de 1937, Calder cria, paralelamente aos seus móveis, figuras biomórficas derivadas de formas surrealistas, como em Joan Miró e Jean Arp, recortadas em chapas metálicas e montadas, desafiando também seus pesos pela aparência leve e pelo apoio sutil de suas partes ao chão. São seus *stabiles*, que nos remetem a figuras vivas por causa dos títulos que o artista lhes confere: *Baleia*, *Grande Pássaro* etc.

MóBILE Amarelo, Preto, Vermelho e Branco, sem datação precisa, faz parte da série de obras realizadas a partir da década de 1940, quando o artista magistralmente mantém a sutileza de suas composições eólicas apoiadas em suas bases, como em seus *stabiles*, reinventando seres lúdicos e sublimes de uma natureza profundamente pacífica. Seres que constantemente nos convidam a uma relação poética entre a nossa realidade e a criatividade explícita da arte de Calder. Neste *MóBILE*, um platô amarelo abre-se à passagem de três hastes que se alongam, sustentando seus elementos em negro e vermelho, em balanço com as formas situadas no plano inferior. O equilíbrio da composição instiga o observador a compreender o processo criativo de Calder.

Do mesmo modo, *Grande MóBILE Branco*, de 1948 - sua outra obra pertencente ao acervo - suspenso no espaço do museu, paira no ar como plumas sopradas, dialogando com obras como a escultura *Unidade Tripartida* de MAX BILL e a pintura *Composição Clara* de WASSILY KANDINSKY, sobre a magia da criação espacial.

aproximações

Professor/a, no museu, os alunos podem tentar compreender como **MóBILE Amarelo, Preto, Vermelho e Branco** foi realizada e discutir:

Qual é o princípio de construção desta obra de Calder? Esse princípio é visível? É simples ou complexo?

É possível perceber as articulações entre as partes? Pode-se dizer que elas sugerem a possibilidade de movimento? Por quê?

Observem a leveza dos materiais e conversem sobre como essa característica foi preservada.

O movimento dessa obra advém da alteração do equilíbrio provocada por uma corrente de ar. No espaço fechado do museu a movimentação da obra é muito sutil. Com base nisso, diante da obra, responda às questões:

Os movimentos gerados são bruscos ou suaves? Rítmicos ou desordenados?

Todas as formas da escultura são acionadas simultaneamente?

Como os movimentos são interrompidos?

Calder não parte da tentativa de apropriar-se do movimento por meio de sua representação, mas da permissão de que ele se faça perceber na própria estruturação da obra, por meio da ação do vento. Componentes fundamentais desta obra podem ser, então, o equilíbrio, o movimento e o ritmo.

Observe os movimentos das folhas das árvores, dos caules, das nuvens no céu, do ir e vir das ondas na praia e do levantar do sol no horizonte. Percebam as forças presentes na natureza e comparem com a idéia de ritmo, equilíbrio e movimento na obra de Calder. Os alunos conseguem desenvolver relações?

Este trabalho de Calder inscreve-se na história da arte sob o tópico dedicado à escultura, muito embora represente um momento no qual a tradição desta linguagem estava sendo questionada e rejeitavam-se seus princípios estabelecidos, como a gravidade, desafiando o peso físico da obra.

O que seus alunos entendem por escultura?

Observando atentamente a obra, comparem juntos as respostas dadas e verifiquem sua validação ou negação frente à proposta de Calder.

Quais palavras podem ser associadas à escultura em movimento? Seus alunos conhecem esculturas que, de outro modo, tentam se apropriar da idéia de movimento? (Se possível, observe o Pôster 06, com obra de UMBERTO BOCCIONI).

Proponha uma discussão sobre as semelhanças e diferenças das esculturas que seus alunos conhecem.

No mundo altamente tecnológico em que vivemos, podemos discutir a função de uma obra como a de Calder:

Suas leves esculturas, desenvolvidas com materiais industrializados, nos reconduzem a algum aspecto da vida natural?

Quais percepções e sentimentos os movimentos suaves e rítmicos de sua obra estimulam no observador?

É possível realizar um móBILE coletivo, no qual todos os alunos participam por meio da confecção de pequenas formas feitas com arame; para isso, referências visuais do *Cirque Calder* podem ser um estímulo importante. Em grupo, estudem o conceito de móBILE e como solucionar questões técnicas associadas ao movimento, equilíbrio, fixação das peças e sustentação do conjunto. Que outros materiais precisam ser somados às formas criadas para que esse objeto possa ser chamado de móBILE?

Para melhor compreensão do artista e da sua importância, pesquise: *performances* e *Abstração-Criação*.

Professor/a, **Acervo: Roteiros de Visita** disponibiliza outras 49 fichas como esta com as quais você terá subsídios para tecer relações entre as obras. As imagens reproduzidas neste material podem ser organizadas em torno de uma idéia construindo um roteiro, ou seja, um caminho através do qual se conta uma história, um elo entre as obras que se intensifica por meio de uma intenção.

Pesquise, dentre as obras disponíveis, quais conexões podem ser estabelecidas, considerando o seu planejamento pedagógico e a realidade do seu grupo de alunos.

A equipe de educadores do MAC USP sugere alguns indicativos de roteiros. Observe que há diversas maneiras de conduzi-los e você pode explorar as obras desta coleção agrupando-as segundo vários critérios:

- aspectos formais;
- propostas conceituais;
- períodos históricos (Ditadura Militar, a década de 1980, século XXI etc);
- movimentos artísticos (Cubismo, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo etc);
- linguagens plásticas (pintura, grafite, assemblage, escultura, objeto, instalação etc);
- gêneros artísticos (retrato, auto-retrato, figura humana, paisagem, natureza-morta);
- temática (arte e política, masculino e feminino, abstração e figuração, moderno e contemporâneo, mestres e alunos, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, objetos do cotidiano, artistas mulheres, relações entre as artes visuais e outras linguagens artísticas etc);
- interesses dos alunos;
- temas transversais.

Essas são algumas possibilidades, você pode descobrir muitas outras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexander Calder: a retrospective exhibition, 1925-1974*. Chicago: Museum of Contemporary Art, 1974.
- Alexander Calder*. Rio de Janeiro: Galeria Jean Boghici, 1980.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BUFFET-PICABIA, Gabrielle. *Rencontres avec Picabia, Apollinaire, Cravan, Duchamp, Arp, Calder*. Paris: P. Belfond, 1977.
- Ciranda de formas: bichos-jogos, brinquedos e brincadeiras*. Coord: Maria Angela Serri Francoio. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea USP/ FAPESP, 1999.
- Coleção MAC Collection*. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Comuniquê, 2003.
- DE MICHELI, Mario. *As vanguardas artísticas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FER, Briony et al. *Realismo, Racionalismo, Surrealismo: a arte no entre-guerras*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1999.
- HARRISON, Charles. *Primitivismo, Cubismo, Abstração: começo do século XX*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARTER, Joan M. *Alexander Calder*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1977.
- O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1990.
- Perfil de um acervo - MAC USP*. São Paulo: Editora Ex Libre, 1988.
- PRATHER, Marla. *Alexander Calder: 1898-1976*. Washington: National Gallery of Art, 1998.
- SWEENEY, James Johnson. *Alexander Calder*. New York: The Museum of Modern Art, 1951.
- WOOD, Paul et al. *Modernismo em disputa: a arte desde os anos 40*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- ZANINI, Walter. *Tendências da Escultura Moderna*. São Paulo: MAC, Ed. Cultrix, 1971.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor • Adolpho José Melfi
 Vice-Reitor • Hélio Nogueira da Cruz
 Pró-Reitora de Graduação • Sônia Teresinha de Sousa Penin
 Pró-Reitora de Pós-Graduação • Suelly Vilela
 Pró-Reitor de Pesquisa • Luiz Nunes de Oliveira
 Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária • Adilson Avansi de Abreu
 Secretária Geral • Nina Beatriz Stocco Ranieri

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora • Elza Ajzenberg
 Vice-Diretor • Kabengele Munanga
 Divisão Técnico-Científica de Acervo • Ariane Soeli Lavezzo
 Divisão Administrativa • Paulo Roberto Amaral Barbosa
 Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio (suplente)
 Divisão de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica • Helouise Costa
 Biblioteca Lourival Gomes Machado • Lauci Bortoluci

Acervo • Roteiros de Visita
 Apoio • Fundação VITAE
 Concepção e Realização • Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte
 Educadores MAC USP • Christiana Moraes; Evandro Carlos Nicolau; Maria Angela Serri Francoio; Renata Sant'Anna de Godoy Pereira; Sylvio da Cunha Coutinho.
 Coordenação Geral • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
 Consultora em Educação • Heloisa Margarido Sales
 Textos de Contextualização e Leitura de Obras • Inform art Arte & design Ltda Vinício Frezza (coord.); Marco Antonio de Andrade; Silvana Brunelli e Sérgio Moraes Bonilha (assistente de pesquisa).
 Pesquisa Adicional, Adequação e Revisão dos Textos • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio.
 Projeto Inicial • Maria Helena Pires Martins e Sylvio da Cunha Coutinho
 Secretária • Glória Araújo Antunes
 Colaboradores • Anderson Cavalcante Rei (estagiário-monitor); Claudinei Roberto da Silva (estagiário-monitor); Eveline Maria P. da Silva (bolsista COSEAS); Flora Tosca A. A. Pescarini; Julio César de S. Reis (bolsista Cnpq Pibic); Karin Priscilla de Lima (estagiária-monitora); Leonardo Aparecido Mendonça T. Severiano (bolsista COSEAS); Marcela Vieira (bolsista COSEAS); Renê Miguel da Trindade (bolsista COSEAS); Sérgio Hannemann (bolsista COSEAS); Soraya Valto Braz (bolsista COSEAS);
 Agradecimentos Especiais • Heloisa Margarido Sales; Claudinei Roberto da Silva; Marcela Vieira; Soraya Valto Brás e Christiane Suplicy T. Curioni.
 Projeto Gráfico • Elaine Maziero
 Arte Final • Carla C. do Carmo
 Impressão • Augusto Associados

2004 • MAC USP • Rua da Reitoria, 160
 05508-900 • Cidade Universitária • São Paulo • SP
 Email: educativo-roteiros@usp.br

APOIO:

